



FRICÇÕES DO TEMPO NA EXISTÊNCIA FOTOGRAFICA: REFLEXÕES A PARTIR DE IMAGENS FEITAS EM ESCOLAS DURANTE A PANDEMIA

*FRICCTIONS OF TIME IN THE PHOTOGRAPHIC EXISTENCE: ANALYSIS FROM
IMAGES MADE IN SCHOOLS DURING THE PANDEMIC*

Adriana de Barros Ferreira Cunha¹
Adolfo Cifuentes²

Submetido em: 1/03/2023

Aprovado em: 1/05/2023

RESUMO

A fotografia se relaciona intimamente com o tempo desde o instante do clique, passando pelo seu processamento, até o momento de apreensão da imagem pelo espectador e sua duração quanto objeto. A partir de imagens de ambientes escolares esvaziados durante a Pandemia de Covid-19, este trabalho trata sobre a temporalidade da imagem fotográfica híbrida, que conjuga técnicas contemporâneas com técnicas antigas. Provavelmente recorrendo aos processos fotográficos do século XIX estaríamos impregnando de finitude as imagens digitais que a princípio não teriam fim numa tentativa de resgate da aura. Além disso, a temporalidade que une passado e presente em uma única imagem, através de hibridismos entre técnicas fotográficas antigas e técnicas contemporâneas, torna a imagem uma espécie de objeto onde acontece um anacronismo controlado.

Palavras-chave: Fotografia Híbrida. Marrom Van Dyke. Aura. Anacronismo. Pandemia.

ABSTRACT

Photography is intimately related to time from the moment of the click, through its processing, to the moment when the image is captured by the spectator and its duration as an object. Despite this being a topic with several possibilities of analysis, the approach of this work is about the temporality of the hybrid photographic image which combines contemporary techniques with ancient techniques. Probably resorting to the photographic processes of the 19th century, we would be impregnating with finitude the digital images that at first would have no end in an attempt to rescue the aura. Furthermore, the temporality that unites past and present in a single image, through hybrids between ancient and contemporary photographic techniques, makes the image a kind of object where a controlled anachronism takes place.

Keywords: Hybrid Photography; Van Dyke Brown; Aura; Anachronism; Pandemic.

“O que constitui enigma é a própria estrutura da imagem que ora vale como vestígio do passado, ora como sinal do futuro” (RICOEUR, 1994, p.25).

¹ Mestre em Artes pela Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Professora na Faculdade de Comunicação e Artes – FCA, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Contato: professora@adrianaferreira.com.br.

² Doutor em Artes pela Escola de Belas Artes (EBA), da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Professor da EBA/ UFMG. Contato: adolfo.cifuentes@hotmail.com.

Vivemos nos últimos dois anos um tempo que jamais imaginávamos viver: o mundo foi, e ainda é, assolado por uma pandemia. Um vírus mortal que obrigou as escolas, entre outros lugares, a fecharem as suas portas. O abismo social que já existia, se acentuou. As pessoas que eram ricas ficaram ainda mais ricas, e as que eram pobres ficaram miseráveis. Para alguns alunos e professores, apesar de não estarem presentes nas escolas, estas se faziam presentes em suas casas através de conexões virtuais. Mas isso só para alguns, para a grande maioria a escola só se fazia presente através das cestas básicas de alimentos que garantiram que não morressem de fome.

A fotografia se relaciona intimamente com o tempo desde o corte temporal, no instante do clique, passando pelo seu processamento até o momento de apreensão da imagem pelo espectador e sua duração quanto objeto. Vários pesquisadores do tema já tentaram explicar se a fotografia é indício de algo que foi, se basta em si mesma como um objeto, e ainda o que ela, como imagem, pretende ser. Apesar de ser um tema tão instigante e com várias possibilidades de análise, a abordagem neste trabalho será sobre a existência e a temporalidade da imagem fotográfica híbrida, que conjuga técnicas contemporâneas com técnicas históricas.

Para tratar sobre essa temporalidade, recorri primeiramente aos autores clássicos da Fotografia, como Vilém Flusser que fala do aparelho fotográfico e da forma como lidamos com ele e Boris Kossoy que trata da interrupção temporal e dos demais tempos que envolvem o processo fotográfico. Além destes autores, para tratar da existência da imagem híbrida, consultei Walter Benjamin quando trata das questões da reprodutibilidade técnica, do culto e da aura. Enquanto Georges Didi-Huberman com suas reflexões sobre os anacronismos das imagens, vai conectar a existência e a temporalidade.

Materialidades Fotográficas em Tempos de Pandemia

A partir da ideia de montagem de uma exposição com o tema Materialidades Fotográficas proposta pelo Grupo de Pesquisa ao qual pertencço, apresentei um trabalho que foi composto por imagens fotográficas dos corredores e salas de aula vazios, obtidas com a câmera do celular e posteriormente impressas em papel usando uma técnica do séc XIX, conhecida como Marrom Van Dyke, sem fixá-las.

As imagens obtidas digitalmente nos ambientes escolares esvaziados pela pandemia, foram tratadas e convertidas em negativo, para então serem impressas, usando

uma impressora, em transparência de acetato. Os papéis, páginas arrancadas de um caderno de desenho, onde as imagens se formaram, receberam uma camada de emulsão química composta por sais de ferro e prata. Ao papel emulsionado juntou-se o negativo e foram expostos em uma mesa de luz ultravioleta. As imagens assim expostas, ficam latentes e precisam ser reveladas para se tornarem visíveis. Durante a revelação, pode-se optar por fixar ou não as imagens. Nesse caso, optei por não fixá-las. Porém, quando elas não passam pelo processo de fixação, ao serem atingidas pela luz UV¹ durante sua exposição ao público, vão desaparecendo, pois os sais de prata presentes nas imagens continuam a reagir com a luz.

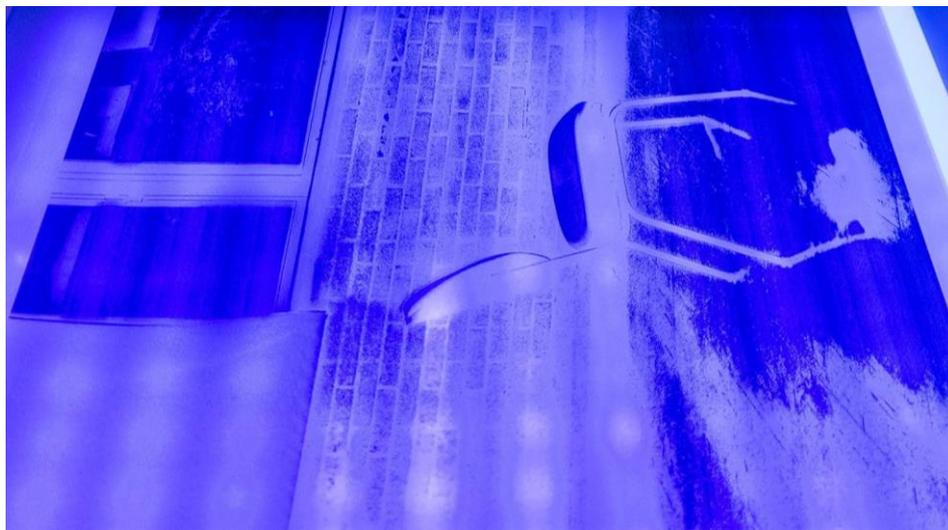


Imagem 1. Negativo na mesa de luz UV. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

O fato de se poder escolher entre fixar ou não a imagem impressa, atinge diretamente a duração física da imagem, afetando a sua permanência enquanto preservação do instante. Ação que acaba por acentuar a discussão da relação sobre a existência, declarando ou não, a finitude da imagem fotográfica. Essa temporalidade que une passado e presente em uma única imagem, que proporciona hibridismos entre técnicas fotográficas antigas e técnicas contemporâneas, torna a imagem uma espécie de objeto onde acontece um anacronismo controlado.

Por ser professora, as imagens de salas de aula e corredores esvaziados pela pandemia de Coronavírus me tocaram diretamente, e creio, tocou a nós todos que vivemos na Academia - a pandemia esvaziou as salas de aula, os corredores, os ateliês, virtualizou nossas relações. Então, à medida que os espaços antes vazios voltaram a ter presença

humana, essas imagens feitas durante a pandemia e expostas ao público nos corredores da escola, foram se apagando. Porém, elas não se apagaram completamente, ainda restaram vestígios, digitalizados e guardados protegidos da luz, para que não nos esqueçamos completamente deste momento complexo que vivemos. Este apagamento gradual da imagem traz à tona questões sobre os tempos e a existência da imagem, o devir como fluxo ao tentar instaurar a ideia de eternidade em algo que é efêmero.



Imagem 2. Pandemia: corredor vazio. Montagem com parte da mesma imagem registrada ao longo de sua exposição ao público. Da esquerda para direita: imagem nunca exposta ao público; imagem exposta ao público por 30 dias; e imagem exposta ao público por 60 dias. Técnica Híbrida: cópias fotográficas em Marrom Van Dyke (não fixado) sobre papel, a partir de imagens capturadas com câmera digital. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

Então resta-nos questionar quais são os tempos destas imagens fotográficas? Passado e presente entrelaçados, enquanto a ação do tempo transforma a imagem. Para entender o hibridismo de técnicas tão distantes entre si, foi utilizado o conceito de anacronismo desenvolvido por Didi-Huberman, e para pensar sobre o tempo como responsável tanto pela existência quanto pelo apagamento das imagens, e a recuperação da aura, se recorreu à Benjamin.

Hibridismo de Linguagens e o Anacronismo Controlado

Se considerarmos o comportamento da sociedade contemporânea em relação às imagens, em que a urgência do compartilhamento praticamente se sobrepõe ao tempo do pensar e do fruir, a fotografia como arte contemporânea navega contra a corrente quando o fotógrafo artista manipula temporalidades que não são a sua ao se apropriar de uma técnica de séculos atrás e utilizá-la de forma a criar imagens fotográficas que "subvertem a concepção do aparelho", como diria Flusser (1985).

Talvez esta busca em acrescentar tempo ao processo fotográfico, tempo este perdido no processo migratório entre a fotografia de base química e a digital, esteja levando os fotógrafos contemporâneos a adotarem a utilização dos processos históricos da fotografia. Considerando-se que uma imagem sempre vai mostrar algo que aconteceu, e mesmo estando sujeita a algum tipo de manipulação, ela ainda constitui um registro histórico, pode-se afirmar que:

[...] toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo em que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho. (KOSSOY, 2001, p. 50)

Ao produzir imagens que conjugam tecnicamente passado e presente, dá-se a criação de um objeto de temporalidade complexa, tal como o pano de Fra Angélico, analisado por Didi-Huberman (2015, p. 23): "estamos diante do pano como diante de um objeto de tempo complexo, de tempo impuro: uma extraordinária montagem de tempos heterogêneos formando anacronismos". Se, a imagem é, ainda como diria Didi-Huberman, "altamente sobredeterminada em face do tempo" (2015, p.25), quando as técnicas fotográficas do séc XIX e as digitais se hibridizam para formar uma imagem contemporânea, essa imagem carrega em si pensamentos anteriormente separados pelo tempo, criando anacronismos.

Neste trabalho o anacronismo acontece de forma controlada quando se opta por usar uma tecnologia química do século XIX que vai sobredeterminar a duração da imagem ali impressa. Além disso, ao ser exposta, temos um objeto de temporalidade complexa em que uma imagem de nossos dias é representada através de uma técnica antiga, que inicialmente teria duração infinita e passa a ser finita à medida em que é vista pelo público.

O anacronismo então, acontece de forma controlada quando se dá propositalmente

a junção de tempos heterogêneos, tanto do ponto de vista técnico que coloca em um mesmo plano imagens produzidas contemporaneamente e técnicas abandonadas pelo desenvolvimento da fotografia; quanto do ponto de vista ideológico quando consideramos que as imagens refletem o modo de ver e pensar o mundo de uma sociedade em uma determinada época. Se toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, a sua condição anacrônica se destaca na relação entre imagem e história, como diria Didi-Huberman:

As imagens certamente tem uma história, mas o que elas são, o movimento que lhes é próprio, seu poder específico, tudo isso aparece somente como um sintoma - um mal-estar, um desmentido mais ou menos violento, uma suspensão - na história. (2015, p. 30)

Não seria, pois, um sintoma da contemporaneidade, inclusive ao [sobre]viver a uma pandemia, mostrar que tudo tem um fim, e ao mesmo tempo, tentar controlar esse fim, definindo por fixar ou não uma imagem impressa sobre papel? As próprias imagens de salas de aula e corredores vazios e seu apagamento quando estes espaços voltaram a ser frequentados por estudantes e professores, não seriam indícios históricos?



Imagens 3 e 4. Salas de aula vazias: efeitos do tempo sobre a imagem. Na esquerda: imagem nunca exposta ao público. Na direita: imagem exposta ao público por 60 dias. Técnica Híbrida: cópia fotográfica em Marrom Van Dyke (não fixado) sobre papel, a partir de imagem capturada com câmera digital. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

Recorrendo aos processos de impressão do século XIX, estaríamos impregnando de finitude as imagens digitais contemporâneas que a princípio não teriam fim. Isto porque estes processos históricos já mostraram que as imagens impressas a partir deles, não duram para sempre, elas degradam, desbotam, elas deixam de existir. Não são como as imagens digitais em um HD que não perdem sua essência se tiverem um software que as decodifique.

Eterno e Efêmero: Coexistências

O tempo com o qual a arte trabalha não é apenas uma linha que se tenciona entre o passado e o futuro, é também o tempo de ocupação - o tempo no qual o artista vivencia, o tempo das coexistências. No caso deste trabalho, o tempo de exposição ao público interfere diretamente na existência destas imagens impressas em Marrom Van Dyke não fixado.

Em uma época de fotografias digitais, em que imagens são rapidamente obtidas e reproduzidas infinitas vezes nas telas dos smartphones, "o valor de exposição começa a afastar, em todos os aspectos, o valor de culto" (BENJAMIN, 2012, p.35). Então, quando o fotógrafo contemporâneo decreta a finitude de uma imagem que antes teria uma duração longuíssima, (quem sabe até infinita), ele interfere diretamente no tempo de representação, no tempo de fruição e na própria existência em si, daquela imagem.



Imagens 5 e 6. Efemeridade: a Biblioteca vazia é uma cena da pandemia, com a volta às aulas a biblioteca está sempre cheia. Na esquerda: imagem nunca exposta ao público. Na direita: imagem exposta ao público por 60 dias. Técnica Híbrida: cópia fotográfica em Marrom Van Dyke (não fixado) sobre papel, a partir de imagem capturada com câmera digital. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

Estaríamos então, usando o filtro cultural do tempo, nas produções fotográficas contemporâneas que usam processos fotográficos do século XIX? Segundo Boris Kossoy, sim, pois uma única fotografia carrega em si, dois tempos, o tempo da criação, e o tempo da representação, "o efêmero e o perpétuo, onde o elo imagético é codificado formal e culturalmente" (2007, p.133). Se estamos interferindo em algum desses tempos, estamos reafirmando questões culturais de nossa época sobre as imagens produzidas.

Se, segundo Benjamin a reprodutibilidade técnica aumenta a possibilidade de exposição e "liberta o objeto reproduzido do domínio da tradição" (2012, p.14) ao determinarmos que uma imagem não será reproduzida e que se apagará, tornando sua existência única em determinado lugar e tempo, não estaríamos tentando torná-la novamente um objeto de culto, recuperando a sua aura? Provavelmente sim, pois "a aura está ligada ao aqui e agora. Dela não existe cópia" (BENJAMIN, 2012, p.53).

Sobre Repetições

Talvez esse desenvolvimento tecnológico esteja fazendo com que fotógrafos contemporâneos busquem usar técnicas que confirmem à imagem fotográfica personalidade, como forma de diferenciação de seus trabalhos autorais entre todas as imagens disponíveis corriqueiramente num rolar de tela de alguma rede social.

A imposição da mão do artista ao emulsionar às pinceladas o papel que vai receber a imagem, aproxima-a de algo impossível de ser reproduzido, pois nunca uma pincelada será igual a outra. Esse tipo de ação se relaciona com as percepções que Arlindo Machado fez em *A Ilusão Especular* (1984), sobre o comportamento dos fotógrafos no início do século XX, quando dominou o estilo pictorialista, estaríamos apenas repetindo um ciclo cem anos depois? Talvez estejamos tentando tornar uma imagem única e logo depois matá-la, numa crítica ao fluxo de milhares de imagens a que somos expostos diariamente numa tentativa de subverter o programa, como diria Flusser (1985).



Imagem 7. Interrompendo a reprodutibilidade técnica: pinceladas garantem que a imagem seja única. Técnica Híbrida: cópia fotográfica em Marrom Van Dyke (não fixado) sobre papel, a partir de imagem capturada com câmera digital. Foto: Adriana Ferreira. 2022.

Talvez se esteja produzindo um tipo de imagem que converge para os processos históricos, tidos como inadequados tecnicamente, numa tentativa de personalizar ou personificar uma imagem dando-lhe textura, grão e imperfeições que a imagem produzida digitalmente é incapaz de ter. Ou será que apenas estamos querendo impor a nossa presença num mundo cada vez mais veloz e impessoal, representado por bits e bytes?

Provavelmente, mesmo num mundo inundado por imagens, estejamos sentindo falta da aura nas imagens fotográficas, que a velocidade dos meios de captação e o compartilhamento frenético nos impedem de fruir. Ou, após sobrevivermos a uma pandemia, estejamos apenas querendo deixar nossa marca pessoal no mundo, sinalizando a nossa existência.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **CASA NOVA, Vera** (trad.); **ARBEX, Márcia** (trad.). **Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular: introdução à fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RICOEUR, Paul. CESAR, Constança M. (trad.); FERREIRA, Roberto L. (trad.). **Tempo e Narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994.

Notas

1. Luzes de LED, luz natural, luz fluorescente, todas emitem maior ou menor quantidade de luz ultravioleta. Então quando expostas a luz, a prata contida nessas impressões escurece até o momento em que perdemos a imagem e ficamos apenas com uma mancha marrom, um indício do que foi.